



## APRESENTAÇÃO

### **DOSSIÊ ESTUDOS CULTURAIS E CURRÍCULO CULTURAL NÃO ESCOLAR: MÚLTIPLOS ARTEFATOS EM INVESTIGAÇÃO**

*Paula Regina Costa Ribeiro<sup>1</sup>*

*Danilo Araujo de Oliveira<sup>2</sup>*

*Joanalira Corpes Magalhães<sup>3</sup>*

*Juliana Ribeiro Vargas<sup>4</sup>*

*Carin Klein<sup>5</sup>*

*Luciano Nascimento Corsino<sup>6</sup>*

<sup>1</sup> Professora titular do Instituto de Educação e do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande – Furg. Doutora em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e Pós-doutora pela Escola de Educação de Coimbra. Editora da Revista Diversidade e Educação. Líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (Gese), atuando principalmente nos seguintes temas: corpos, gêneros e sexualidades. Bolsista produtividade 1C do CNPq.

<sup>2</sup> Doutor em Educação (UFMG). Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão. Líder do grupo de pesquisa Questões e Políticas de Currículo. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas (GECC) e do Observatório da Juventude, Maranhão, MA, Brasil.

<sup>3</sup> Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Professora do Instituto de Educação e do Programa de Pós-Graduação: Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Pós-Doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Editora da Revista Diversidade e Educação. Pesquisadora do Grupo de Investigación en Educación y Sociedad (Gies). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (Gese), atuando principalmente nos seguintes temas: corpos, gêneros, gênero e ciência, sexualidades e artefatos e pedagogias culturais

<sup>4</sup> Mestre e Doutora em Educação (PPGEDU/UFRGS). Realizou Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação e Ciências, da Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Docente da área de Educação de Jovens e Adultos, na Faculdade de Educação (FACED/UFRGS) e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/UFRGS), na Linha de Pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero. Pesquisadora do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE/UFRGS), do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE/FURG) e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Juventudes e Educação

<sup>5</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE/UFRGS). Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/RS). Seus interesses de pesquisa direcionam-se para as temáticas de gênero, maternidade, infância, juventudes, educação e políticas públicas de inclusão social. carinklein31@gmail.com

<sup>6</sup> Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) e professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS). Pós-doutor em Educação e Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas

Este dossiê é proveniente de uma composição acadêmica e afetuosa entre seis docentes de quatro instituições diferentes (Universidade Federal de Rio Grande - FURG, Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS) que juntos/as/es decidiram ofertar uma disciplina para discutir, aprofundar e experienciar com o conceito *currículo cultural não escolar*.

A oferta da disciplina movimentou diferentes estados e estudantes de variados programas de pós-graduação no Brasil, pois era ofertada de forma online, no primeiro semestre de 2024. Tivemos um total de 35 estudantes; a disciplina foi ofertada pelos programas da FURG e da UFRGS, mas tivemos estudantes ouvintes/especiais de outros programas. Os debates foram instigantes, problematizadores e instauradores de muitas outras pesquisas.

Nesse movimento, a partir das leituras, pesquisas e vivências, de cada uma e de cada um, no campo dos Estudos Culturais fomos perceber e problematizando que longe de ser um conceito estagnado ou inflacionado como já ouvimos falar, currículo cultural não escolar se mostra aberto às novidades do tempo presente, sempre reinventado, complexificado e multifacetado.

É difícil prever o que pode ser ainda feito com esse conceito, exatamente porque ele é tão passível de composições heterogêneas, não circunscrito a uma única disciplina ou averso a um ou outro campo em específico. Mas nem por isso, pode-se nomear ou investigar com o conceito à revelia. Há alguns princípios que parecem já de certo modo acordados com quem pretende se aventurar com ele. Assim, nos pareceu importante convocar autores/as referências na área para discutirmos os desafios, as possibilidades, as forças e os possíveis limites em se pesquisar com esse conceito.

Sabemos, também, que um conceito se renova, se reinventa e pode se apresentar de diferentes maneiras a partir dos problemas de pesquisa esboçados e da criação de metodologias que podem se constituir novidade exatamente a partir do problema apresentado. O conceito de currículo cultural não escolar não é um ponto fora da curva nesse sentido e também vai sendo constituído de maneiras outras pelos/as pesquisadores/as que o mobilizam.

Buscamos, assim, problematizar diferentes investigações para tomar conhecimento dos usos desse conceito nas pesquisas em educação. Prova disso são os

---

(Unicamp). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Antirracismo, Gênero e Juventude (GEPEA/IFRS) e membro do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE)

artefatos culturais investigados e como produzem e veiculam pedagogias que ensinam e se constituem currículo neste dossiê; aqui encontraremos textos que focam em artefatos como: contos, HQs, jornal, séries, vídeos, música, show, webnário, literatura, novela e cinema.

Notamos que, de certo modo, há uma retomada mais proeminente desse conceito nas pesquisas em educação, uma reiteração da necessidade de tomar como objeto de pesquisa os modos como conhecimentos, verdades e sujeitos vão sendo produzidos a partir daquilo que é ensinado por meio de artefatos culturais não circunscritos ao currículo escolar.

O espraiamento de uma cultura conectada, em streaming, gamer e agora mais recente mediada pela inteligência artificial, indica que há um novo contexto de produção de saberes em redes de poder algorítmico que não podem ser desconhecidas pelas pesquisas em educação. A concorrência entre os artefatos culturais dessa nova era que se anuncia e a escola nos parece bastante acirrada e talvez instável.

No entanto, a escola não é uma ilha isolada, ela está inserida nesse contexto de cultura conectada. Essa cultura invade, sem pedir passagem, a escola, demandando de professores/as alguns posicionamentos diante desse contexto; a ponto de alunos/as interpelarem os/as docentes com perguntas, como, exemplo: “professora, a senhora assiste Netflix?”, dentre outras que ouvimos em relatos compartilhados na disciplina. Perguntas como essa, junto aos exemplos e experiências mediados pelas tecnologias digitais, pelos filmes e séries em streaming, pela televisão, literatura, etc, indicam que a educação e a instituição escolar tem muita coisa a ver com esses artefatos. Ainda que, muitas vezes, a escola pretenda dizer que só é currículo aquela organização repartida em disciplinas, com seus conhecimentos compartmentalizados, legitimados e universalizados.

A cultura, como produção de significados e modos de vida, está impregnada nos corpos e nas mentes dos/as alunos/as que vão para a escola e levam consigo o que aprendem com as divas pop, as músicas que ouvem, os filmes que assistem, o que leem e o modo como se conectam com os/as outros/as. Nesse sentido, o conceito de currículo cultural não escolar nos parece propício, proveitoso e indispensável para que pensemos com mais complexidade uma escola no tempo presente, invadida pelas diferentes culturas desse tempo.

O movimento de pesquisa que vimos notando crescer, considerando o currículo um campo em constante expansão, invenção e criação para afirmação da vida, como

disseram Danilo Araujo de Oliveira e Rita de Cássia Prazeres Frangella (2022) é conectado aos Estudos Culturais em Educação (ECE), à renovação e aos modos metamorfósicos desses estudos que segue atento “não apenas a pluralidade e diversidade de questões implicadas nos modos de vida no mundo contemporâneo, como também a imensa complexidade de tentar penetrar nos jogos de poder embutidos nos intrigantes panoramas culturais em que nos movemos hoje” (Costa, 2022, p. 11).

Os ECE seguem sendo a fonte principal e indispensável ao conceito de *currículo cultural não escolar*. Esse campo segue dando mostras também que pulsa e vibra com a força da vida; exemplo disso é a 10<sup>a</sup> edição do Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação e do 7º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação; o dossiê “Currículos culturais não escolares: sobre um campo em constante expansão, invenção e criação para afirmação da vida” (Oliveira, Frangella, 2022); o livro “O que são os Estudos Culturais hoje?” em que diferentes praticantes retomam a pergunta do *International Journal of Cultural Studies* (Santos, Karnopp, Wortmann, 2022)

Outras iniciativas igualmente relevantes incluem a recente criação do Rede de Estudos Culturais em Educação do Nordeste (RECENE/2024) e a mais nova rede internacional em criação – Rede Internacional de Estudos Culturais em Educação (RIECEdu); os movimentos da Jornada de Estudos Culturais em Educação (JECE) que promovem anualmente diferentes encontros e a publicização de uma carta em andamento para apoio para a criação do Grupo de Estudos (GE) “Estudos Culturais em Educação” na Anped, além das inúmeras investigações realizadas por diferentes grupos de pesquisa no Brasil, que têm produzido teses e dissertações pautadas nos Estudos Culturais em Educação e no conceito de currículo cultural não escolar.

Para Viviane Camozzato (2014) vivemos em uma cultura dinâmica e pulsante em que proliferam os nomes das coisas e dos lugares ancorando as pedagogias do presente, ampliando suas ênfases, atualizando-se, reconfigurando-se e multiplicando as formas de olhar, nomear, descrever, ensinar e produzir sujeitos. Associados/as a essas discussões, os currículos culturais não escolares espalham-se, diversificam e redimensionam seus temas, procedimentos e compreensões nos convocando ao exame e ao escrutínio acerca da configuração dos processos educativos articulados ao mercado, ao cinema, a saúde, ao meio ambiente, a sexualidade, a beleza, etc a fim de problematizarmos e tensionarmos os investimentos educativos ali propostos e veiculados, interrogando e desnaturizando suas verdades, evidenciando os limites e as fragilidades dos conhecimentos.

Tais perspectivas relacionam-se às dimensões políticas e éticas que movimentam as nossas vidas, na medida em que conduzem comportamentos, instituem formas de pensar, moldam relações sociais, experiências, adesões e resistências. Os currículos imersos em redes de saber e poder, possuem intencionalidades e convocam-nos a sentir, amar, consumir, aprender e educar de acordo com as marcas e os interesses dos espaços e tempos a que pertencemos.

Nesse sentido, este dossiê vem se somar a esse crescente movimento dos ECE no Brasil e da mobilização do conceito de currículo cultural não escolar nas pesquisas em educação. Pensamos que os 19 textos aqui apresentados vindos de diferentes grupos de pesquisa e instituições demonstram a força, a criatividade e a complexidade desses campos de estudos. Certamente, esses textos poderão instigar outras pesquisas e produzir olhares atentos às pedagogias e aos currículos espraiados em nossa cultura.

A escolha da imagem que compõe a capa deste dossiê constitui uma homenagem aos 25 anos da obra *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...*, organizada por Marisa Vorraber Costa. Este livro configura-se como um marco seminal para os Estudos Culturais em Educação no contexto brasileiro, tendo desempenhado – e ainda desempenhando – um papel fundamental na consolidação de abordagens que problematizam as relações entre cultura, poder e educação. Sua contribuição é incontornável para pesquisadores e pesquisadoras que se dedicam a compreender os modos como os artefatos culturais, os discursos e as práticas cotidianas participam na produção de subjetividades, saberes e currículos.

Convidamos os/as leitores/as a adentrarem na leitura dos textos e que eles possibilitem outros pensares, outras problematizações e quem sabe desestabilizem entendimentos sobre as temáticas apresentadas.

## Referências

CAMOZZATO, Viviane Castro. Pedagogias do presente. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 573-593, abr./jun. 2014.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos culturais em educação:** mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

COSTA, Marisa Vorraber. Prefácio. In: Santos, Luís Henrique Sacchi; Karnopp, Lodenir Becker; Wortmann, Maria Lúcia Castagna (Org.). **O que são estudos culturais hoje?** Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

OLIVEIRA, Danilo Araújo de; FRANGELLA, Rita de Cássia Prazeres. Currículos culturais não escolares: sobre um campo em constante expansão, invenção e criação para afirmação da vida. **Série-Estudos**, v. 27, n. 61, p. 3-12, 2022.

Santos, Luís Henrique Sacchi; Karnopp, Lodenir Becker; Wortmann, Maria Lúcia Castagna (Org.). **O que são estudos culturais hoje?** Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.